



Esta seção apresenta um panorama dos últimos dados sobre a situação do mercado de trabalho, que ainda mostra perspectivas ruins para a classe trabalhadora e significativamente piores do que antes da crise econômica. Na segunda parte, a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2012 a 2017, mostra-se como a crise econômica, desde 2015, afetou em especial as mulheres negras no Brasil.

Pioram perspectivas da classe trabalhadora

Mercado de trabalho

No mês de março, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mediu que 43 mil vagas foram perdidas, surpreendendo até mesmo os analistas de mercado, que avaliavam que haveria um saldo positivo baixo no mês de março, não um valor negativo. Foi o pior valor desde março de 2017 e o setor de comércio foi o que mais caiu no período. O setor de serviços foi o que mais cresceu.

Em abril de 2019, o Caged havia detectado um saldo positivo de 129 mil vagas formais, resultado positivo bastante significativo à primeira vista. Mas, enquanto nos primeiros meses, em geral, o mercado de trabalho apresenta números mais fracos, a tendência sempre é de recuperação ao longo do ano. É preciso, no entanto, aguardar uma série temporal mais longa para chegar a conclusões mais concretas. E os indicadores econômicos para o resto do ano, tal como discutido na seção de economia deste boletim, não são promissores.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que a taxa de desocupação no Brasil atingiu 12,7% e a subutilização (que congrega aqueles desocupa-

dos, desalentados e que trabalham poucas horas na semana) chegou a 25% da força de trabalho no primeiro trimestre de 2019. São 13,4 milhões de brasileiros desocupados (1,2 milhão a mais que no último trimestre de 2018), 65,3 milhões fora da força de trabalho e 28,3 milhões de subutilizados (recorde histórico). Já o número de desalentados chegou a 4,8 milhões.

Em uma perspectiva mais ampla, o Índice da Condição do Trabalho (ICT) - indicador sintético construído com base em um amplo conjunto de dados sobre ocupação, renda e formas de contratação, e que inclui contribuição previdenciária, tempo de procura por trabalho, desigualdade de renda, entre outras variáveis -, calculado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), mostra uma piora nas condições de trabalho desde o primeiro trimestre de 2015.

Do início de 2012 ao primeiro trimestre de 2014, o ICT aumentou de 0,48 para 0,70, o que representa melhoria na condição do trabalho. No restante de 2014, o ICT variou pouco, apesar de uma piora no rendimento do terceiro trimestre. Mas, a partir de 2015, passou a diminuir de forma contínua: no entanto, se entre 2015 e o início de 2017 o Índice

decreceu pela piora do subíndice Desocupação, no ano de 2017, o subíndice Inserção Ocupacional foi o principal responsável pela diminuição, devido à queda no emprego com carteira assinada e no tempo de permanência no trabalho.

Já a partir do primeiro trimestre de 2018, o ICT pouco variou, pois a ligeira alta da Desocupação foi contrabalanceada pelas diminuições nas dimensões Rendimento e Inserção Ocupacional. Tais dados mostram que para os trabalhadores o fim da crise não ocorreu.

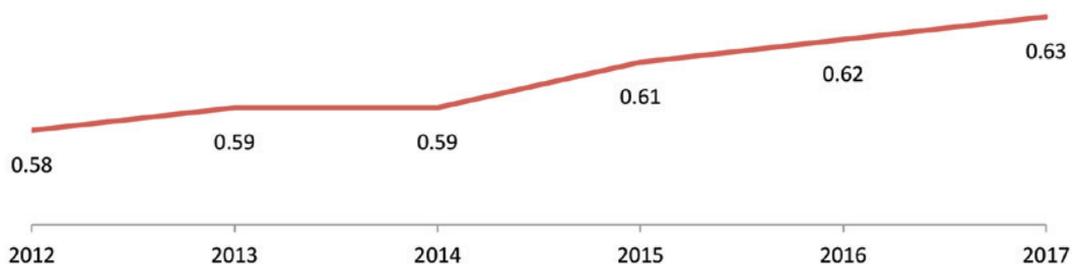
Crise e mulheres negras

Em uma análise dos impactos da crise para as mulheres negras no mercado de trabalho, utilizando os dados da PNAD Contínua de 2012 a 2017, o primeiro gráfico mostra que aumentou o rendimento médio das mu-

lheres negras ocupadas em relação ao rendimento médio dos trabalhadores ocupados no Brasil, apesar de continuar sendo 63% do rendimento médio da população ocupada em 2017 (em 2012 era 58%).

Embora aparentemente seja uma boa notícia a princípio, por indicar uma redução das desigualdades de renda, isto ocorreu porque as negras que mais sofreram com a crise foram as que ocupam postos de trabalho mais precários, ou seja, em um primeiro momento as negras que mais perderam trabalho foram as em postos com menores rendimentos, o que eleva assim os rendimentos médios devido aos valores já mais altos das que permaneceram ocupadas. Por exemplo, desde 2014 as mulheres negras perderam em termos percentuais mais postos que não contribuem para a Previdência que o total da população.

Rendimento das mulheres negras ocupadas em relação ao rendimento médio da população brasileira ocupada (Brasil, 2012-2017)

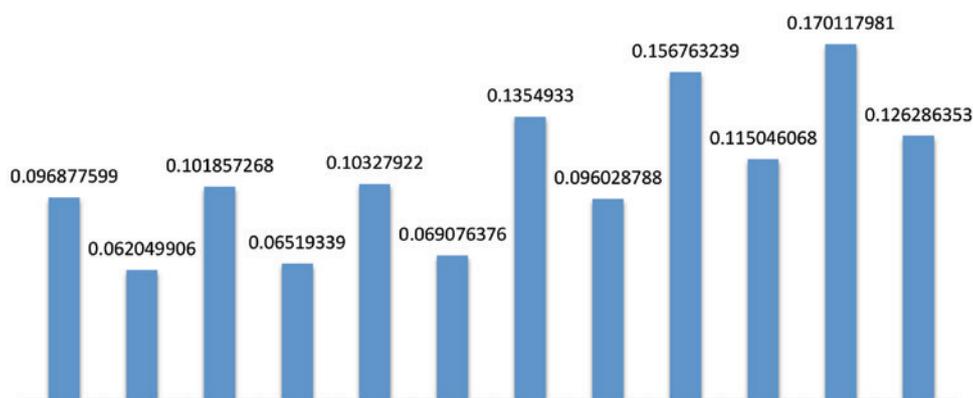


Fonte: PNADC

Observando a taxa de desocupação, percebe-se que entre as mulheres negras ela chegou a 17%, enquanto para o total da população esteve em 12,6%.

Desde o início da crise, na verdade, aumentou o hiato entre tais taxas, de em torno 3,5 pontos percentuais para em torno de 4,5 pontos percentuais.

Taxa de desocupação entre mulheres negras e total (Brasil, 2012-2017)

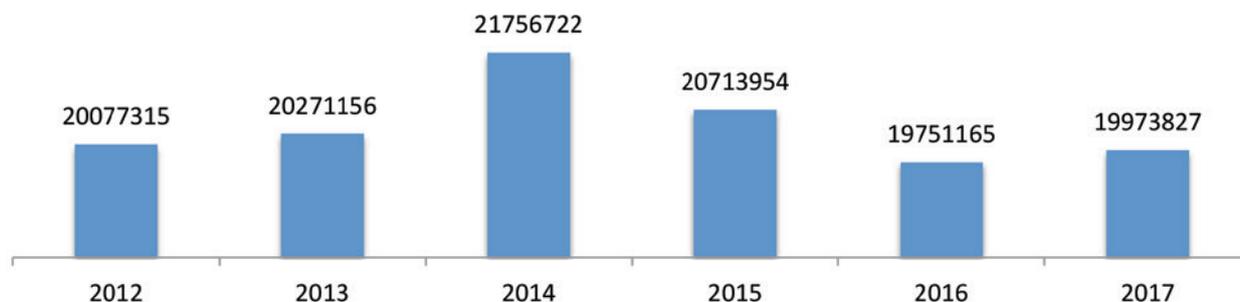


Fonte: PNADC

Quanto à quantidade de mulheres negras ocupadas e desocupadas, com a crise houve uma queda acentuada de 2014 para 2015 (perda de um milhão) e continuidade

da retração de 2015 para 2016 (perda de mais um milhão), mas de 2016 para 2017 ocorreu uma ligeira recuperação de 200 mil.

Quantidade de mulheres negras ocupadas (Brasil, 2012-2017)

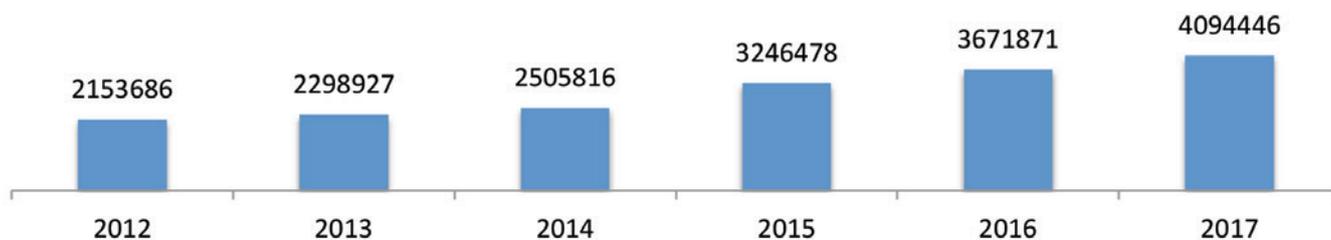


Fonte: PNADC

Por outro lado, é crescente a quantidade de mulheres negras desocupadas no Brasil, o que coloca em discussão o discurso de que a “crise” acabou para as mulheres

negras: se de 2016 para 2017 houve um crescimento de 200 mil na ocupação desta categoria, entre estes anos cerca de 400 mil se somaram à desocupação.

Quantidade de mulheres negras desocupadas (Brasil, 2012-2017)



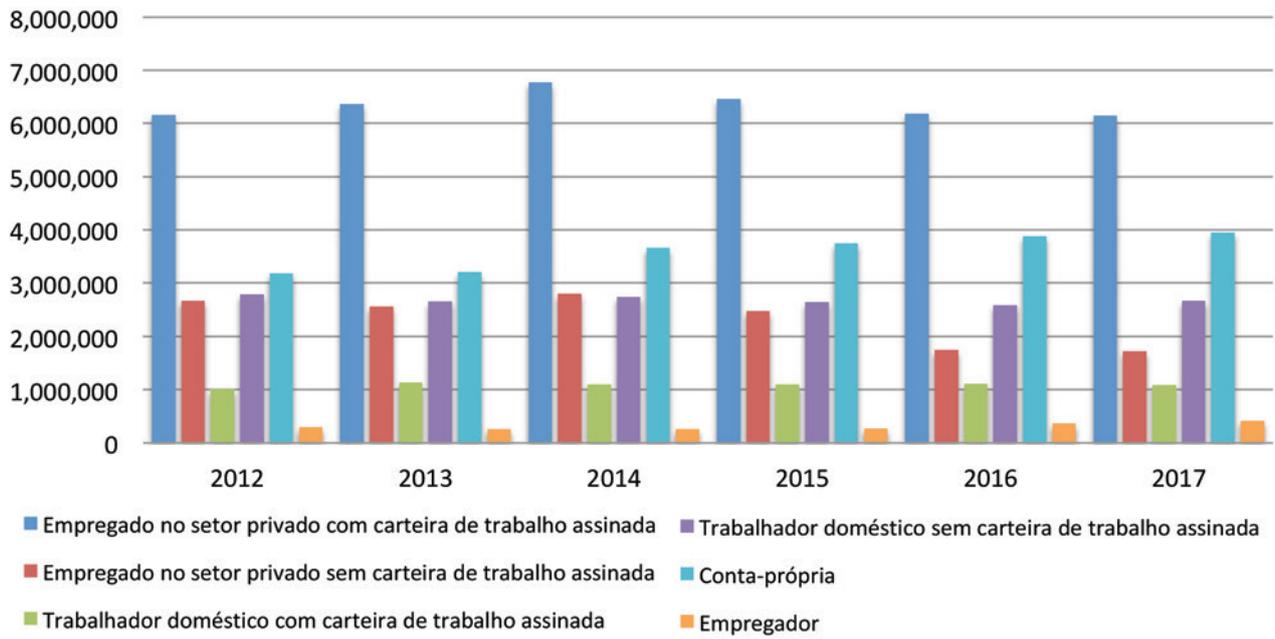
Fonte: PNADC

Como referência, para o total da população a ocupação caiu continuamente em 2015 (perda de 3,9 milhões), 2016 (perda de 3,8 milhões) e 2017 (ainda que com uma queda menor em 2017, de 800 mil). Ou seja, o aumento da ocupação entre as mulheres negras ajudou a atenuar a perda do número de ocupados de 2016 para 2017, mas não foi suficiente para jogar os números para a população como um todo no campo positivo. Por outro lado, para a população brasileira como um todo a desocupação cresceu muito em 2015 (2,7 milhões), menos em 2016 (1,7 milhões)

e menos em 2017 (1,2 milhões).

Por fim, os dados da posição na ocupação (empregado no setor privado com e sem carteira, domésticos com e sem carteira, por conta própria e empregadores) exemplificam como variou a posição das mulheres negras no mercado de trabalho, com queda absoluta no número de empregadas no setor privado com carteira de trabalho assinada, mas também sem carteira assinada. Por outro lado, entre as mulheres negras as categorias que mais crescem são as por conta própria e empregador.

Mulheres negras por posição na ocupação no trabalho principal (Brasil, 2012-2017)



Fonte: PNADC